

EDUARDO HENRIQUE BRIZOLA

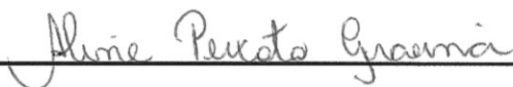
O FUTURO DO FUTURO: as perífrases como inovações linguísticas
no Português Brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

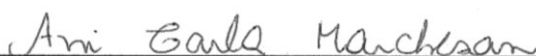
Orientadora: Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/04/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina – UFFS



Profa. Dra. Ani Carla Marchesan – UFFS



Profa. Dra. Cláudia Camila Lara – UFFS

O FUTURO DO FUTURO: as perífrases como inovações linguísticas

no Português Brasileiro¹

Eduardo Henrique Brizola*

Resumo

O uso do futuro perifrástico tem se mostrado como uma variante no caminho de mudança do Português Brasileiro. Vários estudos vêm demonstrando a preferência do falante pelo uso da perífrase verbal no futuro — ex.: *vou/irei* estudar — no lugar do uso do futuro simples — ex.: *estudarei*. Diante dessa questão, esta pesquisa buscou inovar e aprofundar possíveis análises dessa mudança, ao se propor averiguar, a partir de um ponto de vista formal, a escolha do tempo verbal (futuro simples ou perifrástico) de informantes nativos do Português Brasileiro diante de verbos hipotéticos. A metodologia consistiu em aplicar um formulário online a sujeitos brasileiros, maiores de 18 anos e que tivessem concluído o ensino médio. Em relação aos resultados encontrados, observamos que por se tratar de um experimento escrito, a gramática periférica (escolarização) se fez presente de maneira quantitativa em nossos resultados. No entanto, os indícios de mudança na língua podem ser averiguados e analisados, ou seja, mesmo com verbos hipotéticos a construção do futuro na língua está no caminho da implementação da perífrase verbal. Ao mesmo tempo, foi possível observar, pelo estudo dos contextos, que o futuro sintético ainda se faz presente, especialmente devido à influência da escolarização.

Palavras-chave: Futuro verbal. Futuro perifrástico. Inovação linguística. Intuição. Mudança linguística.

Introdução

Estudos como os de Santos (1997, 2000), Gibbon (2000), Lacerda Bragança (2008) e Almeida (2009) apontam que o futuro verbal no Português Brasileiro, doravante PB, tem apresentado outras possibilidades de construção sintática nos últimos tempos. Uma dessas formas inovadoras diz respeito ao verbo *ir* ter sofrido um processo de *deslexicalização*: ele vem perdendo seu conteúdo léxico de verbo de deslocamento e adquirindo um valor mais abstrato, temporal. Ao passar por isso, ele concomitantemente percorre um caminho rumo à *gramaticalização*, fenômeno em que itens lexicais atingem certos contextos linguísticos para desempenhar certas funções gramaticais.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profª. Dra. Aline Peixoto Gravina.

*Acadêmico da 8ª fase do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó.

O mesmo parece ter ocorrido no Latim, contudo, de maneira inversa: o futuro era formado por uma forma modal analítica (ex.: *cantare habeo* – primeira pessoa) que foi se simplificando (ex.: *cantar hei*) até ser aglutinada ao final do verbo como desinência (ex.: *cantarei*) (CÂMARA JR., 1985). No PB, no entanto, já havia (e há) a formação do futuro do presente do indicativo por adição de desinência, mas esse está dividindo espaço com outro construído pela adição de partículas antes de verbos no infinitivo (exemplos: *vou cantar*, *irei cantar* – primeira pessoa).

Diante de tais fatos, essa pesquisa teve o objetivo de analisar se a intuição do falante de PB está realmente direcionando-se à internalização dessas inovações linguísticas deixando de lado, de maneira lenta, o uso de construções tradicionais. Aqui, faz-se referência aos Futuros Perifrásticos e Sintético, respectivamente.

Para tanto, utilizou-se, a partir de um formulário, a coleta de dados de intuição de informantes do PB que concluíram o Ensino Médio. Foram-lhes fornecidos verbos inexistentes (hipotéticos) com seus respectivos significados e esperou-se que, depois de inseridos num contexto situacional, eles indicassem a forma mais natural que expressasse o futuro. Optou-se por não utilizar verbos existentes no PB para que o falante não fosse influenciado por construções já cristalizadas por suas experiências, consequentemente, não havendo interferências em suas escolhas sobre fazer uso de um ou outro tipo de futuro. Ao se depararem com palavras nunca antes ouvidas, faladas ou escritas foram testadas suas liberdades enquanto falantes e investigadas as regras de nível sintático que se mostraram mais protuberantes no que se poderia chamar de tecido mental da língua. Relacionando todas essas questões, visualizou-se quais rotas o PB tem tendência a seguir futuramente.

Após essa breve introdução da pesquisa, serão apresentados a seguir os principais referenciais teóricos sobre o tema, a metodologia detalhada da forma de análise e a reflexão sobre os resultados obtidos.

2 Recapitulação da literatura

No presente estudo, optou-se por uma abordagem formal/gerativista do fenômeno linguístico o qual se centraliza essa pesquisa: a gramaticalização. Haja vista, porém, de que há escassas discussões acerca desse processo sob a luz dessa abordagem, recorrer-se-á, quando necessário, ao funcionalismo. Este servirá como um apoio para a apresentação do referencial teórico e para a manutenção e desenvolvimento das análises dos dados já obtidos.

A priori, serão destrinchados os autores que teorizaram o fenômeno da gramaticalização e os estudos por eles realizados para chegar às suas respectivas constatações. Posto isso, surge o nome do linguista Antoine Meillet. Uma de suas obras, a *Linguistique historique et linguistique générale*, publicada no ano de 1912, foi a que trouxe o artigo inaugural que formulou o conceito da maneira como tal é utilizado modernamente. Meillet definiu a gramaticalização como sendo um processo no qual uma palavra autônoma passa a hospedar um caráter gramatical. Para exemplificar, o francês apresentou as fases as quais o verbo *être* enfrentou até sofrer um esvaziamento semântico e deixar de ser uma palavra principal – com o sentido de ser, estar – para tornar-se uma palavra acessória – um auxiliar de formação do passado composto.

Outros estudiosos que merecem destaque nesse diálogo são os linguistas britânicos Hopper e Traugott (1993). Ambos elucidaram a gramaticalização como um grupo de itens ou construções gramaticais que iniciam um processo que os leva a desempenhar funções gramaticais em certos contextos e, assim que tais itens atingem esse estágio, continuam a agregar novas funções.

Ou seja, palavras que pertenciam apenas à categoria lexical começam a assumir determinado papel dentro da organização do discurso, transformando-se, desse modo, em itens com denotações gramaticais. Essa categoria lexical, anteriormente mencionada, concerniria a todos aqueles elementos que aludem a unidades mínimas de significação, elementos pertencentes ao nosso mundo biológico e social (palavras que designam ações, entidades e qualidades).

A gramaticalização, portanto, seria a responsável por fazer com que algumas dessas unidades, em uma determinada língua, em um determinado período, sejam transferidas dessa categoria a outra. Quando gramaticalizadas tais palavras deixam de ser simplesmente comandadas pelo discurso para fazer parte do conjunto de mecanismos que o estruturam – a categoria gramatical é que une trechos de um texto, a que faz referência a partes já ditas e a que expressa tempo, aspecto e modo.

Hopper e Traugott (1993) mostraram esse processo em dados desenvolvendo uma pesquisa sobre a expressão *be going to* do inglês. Essa construção, que pode ser metaforizada e, portanto, posta paralelamente com o verbo *ir* do PB, vinculava apenas o sentido de deslocamento através do espaço. Contudo, diacronicamente falando, tal expressão foi perdendo aos poucos esse conteúdo lexical para adquirir um conteúdo mais gramaticalizado, mais abstrato, mais próximo à denotação de deslocamento temporal.

Como esse fenômeno decorre em estágios, as várias funções que os itens lexicais desempenham até transformarem-se completamente em itens gramaticais podem acabar coexistindo. Por essa razão, Hopper e Traugott (1993) afirmam que é possível fazer um estudo da gramaticalização tanto por um viés diacrônico quando por um viés sincrônico.

Câmara Jr., por exemplo, professor, pesquisador e linguista brasileiro, esmiuçou em sua obra de 1985 intitulada *História e estrutura da língua portuguesa*, um pouco sobre as etapas que o verbo latino *habēre* (haver) defrontou-se ao longo de sua história desde o período em que sua função era de verbo auxiliar até o período em que foi aglutinado como desinência indicadora de tempo futuro. O autor esclareceu que existia, a princípio, essa forma perifrástica que possuía um forte caráter de auxiliaridade. Esta se dispunha, flexionada no presente, ao lado de um verbo no infinitivo (ex.: *cantare habeo*) desempenhando, no latim vulgar, o encargo de exteriorizar a vontade do falante da ocorrência de algo. Tal partícula fora, com o tempo, simplificando-se (ex.: *cantar hei*) até atingir o ponto de mesclar-se ao verbo principal (ex.: *cantarei*).

A jornada dessa estrutura entremeio à língua pode servir como sustentáculo para entender o que vem sucedendo com o verbo *ir* no PB. Ele tem manifestado um caminho bastante semelhante ao exposto acima, todavia, pela direção contrária: nossa língua, que já porta uma construção sintática de futuro por intermédio da adição de desinências ao final dos verbos (ex.: *nós falaremos*) tem sido palco de uma disputa entre esse tipo de estrutura e outras elaboradas a partir da junção de partículas perifrásticas ante verbos no infinitivo (ex.: *nós vamos falar*; *nós iremos falar*).

Essas partículas perifrásticas, as quais se citam nessa pesquisa, segundo Câmara Júnior (2002), interessam às locuções gramaticais em que um item auxiliar desempenha apenas um papel gramatical e o restante das noções semânticas ficam alocadas no vocábulo principal. Essa será a definição a ser empregada aqui, visto que a maioria das gramáticas adota outras nomenclaturas para fazer referência a estes tipos de construções ou, se utiliza a palavra perífrase, não a tem como um conceito muito desenvolvido e teorizado. Said Ali (1966), por exemplo, em sua *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, não diferencia os conceitos de construção perifrástica e tempo composto e nem sequer menciona a função do verbo *ir* quando nessas posições.

A mesma indistinção parece ocorrer com Cunha e Cintra (1985) que apenas discutem sobre a existência da locução verbal, a união entre um verbo auxiliar e um verbo principal. Nos dois casos supracitados, os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver* são os únicos que recebem os principais holofotes para exemplificar tais usos. Para esses últimos autores, o verbo *ir*, apesar

de referido como uma das outras possibilidades de formação de locução verbal, fica limitado ainda à identidade de verbo auxiliar.

Outro caso ocorre, em 2004, quando Bechara propunha olhar o verbo *ir* como um auxiliar modal que unido ao infinitivo ou gerúndio de um verbo principal agregava maior rigorosidade ao modo como a ação se fazia efetiva. Ele igualava os termos locução verbal e construção perifrástica, porém, diferentemente dos outros, adicionou ao verbo auxiliar a capacidade de emprestar um matiz semântico ao verbo principal, característica que se aproxima mais à gramaticalização.

Mudando de enfoque, no que tange à configuração de uso das formas para referenciar-se ao futuro no PB atual, abordar-se-ão os trabalhos realizados por Adriana de Oliveira Gibbon (2000) e Zélia Gonçalves dos Santos (1997, 2000). As pesquisas dessas duas linguistas contrapuseram a utilização de cada uma das três construções de expressão do futuro em relação à modalidade e ao registro do discurso. Essa tríade em questão reporta ao futuro sintético, ao futuro perifrástico e ao presente com referência futura (ex.: *nós falamos isso amanhã*).

Partir-se-á com Santos (1997) que ao analisar algumas revistas de alcance nacional e transcrições de discursos pronunciados no Congresso Nacional atestou que em textos formais escritos prevalece o uso do futuro sintético e do presente do indicativo com referência futura. Já a pesquisa que realizou no ano de 2000 com debates em emissoras de rádio do Rio de Janeiro (RJ) mostrou que quando se trata de um texto formal, mas no registro oral, as três variantes do futuro aparecem concomitantemente no discurso.

Gibbon (2000), por sua vez, evidenciou que o futuro sintético praticamente inexistente em textos orais informais. Ao analisar dados do Projeto Varsul de entrevistas concedidas por moradores da cidade de Florianópolis/SC, a linguista averiguou apenas a presença do futuro perifrástico e do presente do indicativo denotando futuro.

A pesquisa da autora findou também na constatação de que o fator idade tem influência significativa no uso entre uma construção e outra sendo possível deduzir que se trata de uma mudança em progresso: indivíduos jovens e de meia-idade tendiam a fazer maior uso das formas inovadoras em relação aos mais velhos, que se mostraram mais conservadores. Além disso, percebeu-se que alguns contextos inibiam ou favoreciam certas escolhas pelos informantes. O tempo futuro do futuro, o modo subjuntivo, o verbo principal de movimento, a

modalidade epistêmica² ligada ao verbo auxiliar *poder* e a terceira pessoa do discurso configuraram-se como barreiras para a perífrase e portas abertas para o presente do indicativo.

Já os contextos de tempo futuro do presente, o modo indicativo, o verbo principal de estado, a modalidade deôntica³ ligada ao verbo auxiliar *querer*, a presença de marcas adverbiais e a primeira pessoa do discurso interviam na preferência pela perífrase e rejeição do presente.

Por fim, pelo fato de que o presente trabalho utiliza um formulário *online* e verbos hipotéticos, é possível que os resultados sofram algum tipo de influência que não seja observada na fala espontânea. Para tanto, é importante levar em conta dois conceitos introduzidos por Chomsky (1981) e posteriormente discutidos por Kato (2005): o conceito de gramática nuclear e o de gramática periférica.

O primeiro desses termos refere-se à gramática gradativamente criada pela criança na medida em que ela entra em contato com o *input* linguístico de sua comunidade. Tal gramática absorve os parâmetros dessa língua desenvolvendo, desse modo, um sistema de funcionamento.

O segundo, por sua vez, reporta à gramática gradativamente criada pelo falante quando ele inicia o seu processo de escolarização. Assim como a outra, essa gramática assimila os parâmetros ensinados pela escola para o uso da língua o que acaba desenvolvendo outro sistema de funcionamento na mente. Diante disso, Kato (2005) defende que no Brasil a aquisição dessa gramática assemelha-se à aprendizagem de uma segunda língua. Isso em decorrência de ela possuir parâmetros de funcionamento às vezes opostos aos da gramática nuclear, ou seja, aquela adquirida pela criança antes de sua inserção no mundo escolar. Nesse sentido, é possível que ocorra na mente do falante uma competição entre ambas.

3 Exposição das etapas de elaboração do experimento

Como posto anteriormente, a disseminação nas modalidades oral e escrita de novas possibilidades sintáticas para a formação do futuro do presente do indicativo guia o PB em direção a uma provável mudança linguística, o que mostra que nossa língua, assim como qualquer outra, também se metamorfoseia. E já que muitas das expressões advindas do uso dessas inovações tornaram-se recorrentes no cotidiano dos falantes, ou seja, já que essa

² A modalidade epistêmica condiz ao modo pelo qual o falante expressa um juízo de valor de verdade ou falsidade acerca do conteúdo que está enunciando. Geralmente, o verbo auxiliar *poder* é o que transmite o valor epistêmico de possibilidade.

³ A modalidade deôntica condiz ao modo pelo qual o falante tenta agir sobre o seu interlocutor, proibindo ou autorizando a situação a qual está se referindo em seu enunciado.

comunidade linguística tem sido frequentemente exposta às perífrases, optou-se por adotar uma metodologia que anulasse ou, ao menos, limitasse a interferência dessas construções paulatinamente cristalizadas. Para tanto, definiu-se que a utilização de verbos hipotéticos seria a melhor alternativa para perceber o avanço dessa mudança na mente/intuição daqueles que tem o PB como língua materna. Essa escolha, inclusive, entra em concordância com a visão gerativista assumida para fazer a análise dos dados, pois a ela não pesa tanto discutir sob que contextos sócio-econômico-culturais ocorre maior ou menor uso de um futuro e outro e sim como essas formas se distribuem em relação à língua em si.

A criação de um conjunto de palavras nessa classe gramatical ofereceu aos informantes a possibilidade de moldarem-nas aos seus próprios gostos, de acordo com suas próprias regras. Claro, tais regras não são tão individuais assim, visto que provêm, ademais de outros fatores, de relações de caráter social. Porém, deve-se reconhecer que o contato com expressões nunca antes ouvidas, faladas ou escritas, certamente cedeu uma maior liberdade ao indivíduo, pois lhe permitiu o acesso consciente a sua memória linguística iniciando um processo de reflexão que findou na preferência de uso de uma estrutura sintática em detrimento de outra.

Para compreender de forma mais clara essas questões, utilizar-se-ão posteriormente exemplos da inserção desses verbos num contexto situacional. Antes disso, serão esmiuçados os métodos que nortearam esse primeiro momento de produção dos verbos conduzido não somente pela criatividade linguística inerente, segundo Chomsky (1972), a todos os falantes, como também por uma base de elementos prefixais, sufixais e radicais.

3.1 Processo lógico-criativo de criação dos verbos

A fim de que houvesse a simulação das estruturas verbais do PB, decidiu-se pela criação de quinze verbos hipotéticos divididos igualmente nas três conjugações existentes: os de primeira conjugação (terminados em *-ar*), de segunda conjugação (terminados em *-er*) e os de terceira conjugação (terminados em *-ir*). Desse modo, seria possível manter um olhar analítico sobre a equiparação ou não da interferência dos futuros sintético e perifrásticos em cada um desses grupos.

Como os sujeitos da pesquisa foram, preferencialmente, pessoas que já tivessem ingressado no ensino superior, houve a preocupação em apresentar verbos que denotassem alguma ação do cotidiano desses graduandos. Alguns exemplos são os verbos *cafoitar*, *tececer* e *vuniver*. Este condiz ao ato de economizar cada mísera moeda possível para arcar

com os custos do ensino superior; esse ao de amanhecer escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e aquele à ação de passar uma noite inteira desperto à base de cafeína (café, energéticos etc.). Sabe-se que, às vezes, há pouco tempo disponível para que os estudantes lidem com todas as obrigações que esse nível de ensino demanda, portanto, passar madrugadas acordado é algo que a maioria vivencia, vivenciou ou viu alguém vivenciar.

Os verbos *facevirar* e *tougar*, de primeira conjugação, foram pensados como uma forma de aproximar um pouco a tecnologia e as redes sociais dos informantes. Enquanto o primeiro representa o ato de fazer com que uma postagem adquira rapidamente curtidas e compartilhamentos no *Facebook*, o segundo refere-se ao uso do *Near Field Communication* (NFC), uma tecnologia para *smartphones* desenvolvida há um pouco mais de uma década. *Facevirar* surgiu a partir das promoções realizadas no *Facebook* em que o ganhador de um prêmio é aquele que consegue a maior quantia de curtidas e/ou compartilhamentos dentro de um espaço de tempo limitado.

Cinlaranjer, por sua vez, nasceu nesse hipotético PB pela necessidade de se trabalhar com um verbo impessoal. Ele exprime um fenômeno da natureza: o processo pela qual o céu, em dias nublados, recebe os matizes da luz solar criando um belíssimo contraste entre as cores cinza e laranja. Como ele não será utilizado em sentidos figurados, só poderá ser conjugado na terceira pessoa do singular.

Dentre os quinze verbos, há também dois de tipo reflexivo, ou seja, aqueles em que a ação do sujeito recai sobre si mesmo. *Enchovescer-se* é um dos verbos que satisfaz essa característica; ele alude ao sentimento de tristeza e/ou paz no qual imerge uma pessoa durante ou após ouvir o som da chuva. O outro é *atemporar-se* que remete àquelas situações em que se fala com uma pessoa, porém ela não o ouve porque sua mente está em outro lugar, outro tempo. Há de se notar aqui que fora utilizado a terminação *-or*, justamente numa tentativa de representar o verbo pôr e seus derivados (dispor, repor, transpor etc.). Apesar de sua terminação, ele pertence ao grupo dos verbos de segunda conjugação já que o mesmo fora criado a partir da junção do prefixo *a-* (negação, afastamento), do substantivo *tempo* e do verbo *pôr*, que antigamente se transcrevia como *poer*.

E já que se falou em prefixo, será esquadrinhada agora a formação dos verbos a partir desses elementos linguísticos. *Abseamar*, por exemplo, que indica a ação de lutar contra o irresistível desejo de permanecer na cama mesmo quando se tem compromissos a fazer, surgiu com a aglutinação do prefixo *abs-*, que expressa uma relação de afastamento, e do substantivo *cama*. *Peristorir* traz consigo o prefixo *peri-*, que expressa a relação “em torno

de”, unido ao substantivo *estória*. Ele remete ao processo de adentrar-se totalmente num universo narrativo a ponto de emocionar-se e preocupar-se com o destino das personagens.

Enchovescer-se, o qual teve seu significado explanado anteriormente, é resultado da ligação entre o prefixo *em-*, que indica movimento para dentro, com o substantivo *chover* e o sufixo *-escer*, marcador dos verbos incoativos (aqueles que denotam o início de uma ação, tal como ocorre com *envelhecer* e *adormecer*).

Há outros verbos que não foram mencionados. Portanto, a seguir, encontram-se todos os quinze, em ordem alfabética, divididos silabicamente e seguidos de suas respectivas transcrições fonéticas, definições, exemplos de uso e as combinações que os inspiraram:

(1)

a) *abs.ca.mar* /aβskə'mar/ Ação de lutar contra o irresistível desejo de permanecer na cama mesmo quando se tem compromissos a fazer. *Exemplos de uso*: Nós temos abscamado muito neste inverno; Atrasei-me hoje porque fiquei abscamando por uma hora. *Inspiração*: combinação entre o prefixo *abs-* (relação de afastamento) e o substantivo *cama*;

b) *a.ner.gir* /aner'zir/ Ação de deslocar-se sem forças/energias até algum lugar. *Exemplo de uso*: Anergi ao posto, pois estava muito doente e não havia ninguém que pudesse me oferecer carona. *Inspiração*: combinação entre o sufixo *an-* (relação de negação), o substantivo *energia* e o verbo *ir*;

c) *a.tem.por-se* /atem'porsi/ 1 Pôr-se em outro tempo 2 Viajar mentalmente a um tempo que não o presente e perder a atenção sobre o que os outros lhe falam. *Exemplo de uso*: João, você anda se atempondo. Nunca mais ouve o que falo! *Inspiração*: combinação entre o prefixo *a-* (relação de negação, afastamento), o substantivo *tempo* e o verbo *pôr*;

d) *ca.foi.tar* /kafoj'tar/ Ação de passar uma noite em claro à base de cafeína (xícaras de café, energéticos etc.). *Exemplo de uso*: Eu lhe disse que você só conseguiria finalizar aquele artigo se cafoitasse por alguns dias. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *café* e o verbo *pernoitar*;

e) *cin.la.ran.jer* /silarê'zer/ Processo em que o céu em dias nublados recebe as diferentes matizes de um pôr do sol formando, assim, um admirável contraste entre cinza e laranja. *Exemplo de uso*: Nossa! Vou tirar uma fotografia desse céu. Não é sempre que se pode vê-lo cinlaranjando. *Inspiração*: combinação entre os substantivos *cinza* e *laranja* e o sufixo *-escer* (verbo incoativo).

f) *en.cho.ves.cer-se* /ẽfove'sersi/ Entrar em um estado de espírito de paz ou tristeza durante ou após ouvir o som da chuva. *Exemplos de uso*: Geralmente em dias assim, eu

sempre enchovesço; Agora ela está com uma expressão tão distante. Acho que ficou enchovescida. *Inspiração*: junção entre o prefixo *em-* (relação de movimento para dentro), o verbo *chover* e o sufixo *-escer* (verbo incoativo);

g) e.xir /e'zir/ Ação de chegar na hora exata em que fora marcado um encontro/compromisso. *Exemplos de uso*: Eu nunca deixei de exir a algum encontro; Tenho muitas dificuldades para exir, por isso perco muitas pretendentes. *Inspiração*: combinação entre o adjetivo *exato* e o verbo *ir*;

h) fa.ce.vi.rar /fejsivi'rar/ Ato ou efeito de fazer com que alguma postagem adquira curtidas e compartilhamentos rapidamente no Facebook (rede social). *Exemplo de uso*: Aquele nosso vídeo para a promoção foi o que mais facevirou. *Inspiração*: combinação entre o substantivo Facebook e o adjetivo viral;

i) jo.vir /ʒo'vir/ Desejar ou ter a capacidade de retornar aos tempos de juventude. *Exemplos de uso*: Como queria tanto jovir aos meus vinte anos de idade só para fazer tudo diferente; Naquele momento em que o mundo caiu sob seus pés, ele desejou jovir mais que nunca. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *juventude* e o verbo *ir*;

j) pe.ris.to.rir /peristo'rir/ Adentrar-se totalmente no universo narrado de uma história a ponto de, por alguns momentos, emocionar-se e preocupar-se com o destino das personagens. *Exemplo de uso*: Aquele romance que minha mãe me deu é tão bom que estou peristorindo do início ao fim. *Inspiração*: combinação entre o prefixo *peri-* (relação de entorno) e o substantivo *história*;

k) pre.se.mir /prese'mir/ Ato de insinuar a alguém, quando próximo a uma data festiva, do(s) presente(s) que se deseja ganhar. *Exemplo de uso*: Acertei no presente, não é? Percebi que estava presemindo aquela cafeteira. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *presente* e o radical *sema* (sinal);

l) su.fri.nar /sufri'nar/ 1 Entrar em estado de tristeza por imaginar situações hipotéticas ruins. 2 Sofrer por antecedência. *Exemplo de uso*: Eu não entendo o porquê de eu sufrinar por todos os meus relacionamentos. *Inspiração*: combinação entre os verbos *sofrer* e *imaginar*;

m) te.ce.cer /tese'ser/ Ação de amanhecer o dia escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). *Exemplo de uso*: Essa semana tive que tececer quase todos os dias. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *TCC* (tececê) e o verbo *amanhecer*;

n) tou.gar /tow'gar/ Utilizar a tecnologia Near Field Communication (NFC) para realizar pagamentos e/ou transferir arquivos de um celular a outro apenas aproximando-os.

Exemplo de uso: Querido, não precisa usar dinheiro vivo para o ingresso do cinema. Tente tougar que é mais cômodo. *Inspiração:* combinação entre os verbos *tocar* e *pagar*;

o) **vu.ni.ver** /vuni'ver/ Ação de economizar cada mísera moeda a fim de se guardar dinheiro o suficiente para arcar com os custos de se estudar em uma instituição de ensino superior. *Exemplo de uso:* Ultimamente, não está sendo fácil vuniver à UFFS; Tenho medo de que depois de mudar de cidade não vunivamos lá. *Inspiração:* combinação entre o verbo *viver* e o substantivo *universidade*.

Deve-se perceber que existiu a preocupação enquanto à extensão dos verbos. Isso devido ao fato de que, talvez, essa característica influísse sobre a porcentagem de uso ou não das formas perifrásticas: porventura, preferir-se-ia a forma sintética com verbos de menor extensão e com os de maior extensão as formas perifrásticas. Por esse motivo, três verbos da quinzena foram construídos dissilabicamente, oito trissilabicamente e quatro possilabicamente.

3.2 Sobre o caráter estrutural do formulário

Todos os informantes dessa pesquisa tiveram contato com cada um desses hipotéticos verbos a partir de um formulário *online* criado com a plataforma *google.docs*, conforme Anexo I. Nesse formulário, constou a explicação do que se tratava a atividade e além dos verbos em si, separados de forma silábica, houve também um pequeno trecho detalhando seus significados e orações ilustrando o uso. Tais orações não estavam no futuro do presente do indicativo justamente pelo fato de que esse é o objeto da pesquisa. Houve exemplos de orações com os verbos conjugados em outros tempos, tal como no tempo passado, presente, no modo condicional, dentre outros, para que fossem *sentenças distratoras* e o informante não tivesse certeza sobre qual fenômeno estava sendo averiguado no estudo. Abaixo, poder-se-á ter uma noção de como tudo isso foi retratado ao informante:

(2)

cin.la.ran.jer 1 Processo em que o céu em dias nublados recebe as diferentes matizes de um pôr do sol formando, assim, um admirável contraste entre cinza e laranja.

Exemplo de uso: Nossa! Vou tirar uma fotografia desse céu. Não é sempre que se pode vê-lo cinlaranjendo.

Além dessas informações, o informante teve disponível um áudio para que não tivesse qualquer dúvida no que concernia à pronúncia correta do verbo. Viu-se necessário o uso desse mecanismo, porque alguns deles são formados por letras que coincidem com mais de um fonema. É o caso do verbo *exir*. A letra *x*, nessa palavra, tem o som do fonema /s/, /z/, /ʃ/ ou do fonema /ks/? E quanto ao verbo *facevirar*? O informante repararia que alguns traços fonológicos dessa palavra mantêm os traços fonológicos originais da palavra *Facebook*, de origem inglesa? Com os áudios, essas dúvidas seriam sanadas.

Após a apresentação do verbo, um espaço foi dedicado às orações que serviram para induzir os informantes a utilizar alguma forma futura do verbo. Essas orações apresentaram lacunas para que eles as visualizassem e elessem a palavra que melhor se encaixava àquele espaço. Além disso, existiram outras frases, como já dito anteriormente, que chamamos de *distratoras*, para que fosse inculcado o uso de construções verbais distintas. Essas frases se prestaram ao desvio da atenção do informante, com vistas de que ele não descobrisse o objeto o qual se estava estudando. Caso fossem trabalhadas orações em que o informante fosse incitado somente ao uso do futuro ele descobriria facilmente o foco da pesquisa e, portanto, monitorar-se-ia em suas respostas.

A seguir, um exemplo dessas orações com o verbo *abscamar*:

(3)

Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

Ultimamente, eu tenho _____(i) tanto que decidi adiantar em meia hora o despertador. E jurei para mim mesmo:

- Não _____(ii) nessa próxima terça-feira que tenho avaliação, pois caso chegue atrasado não existirá a mínima possibilidade de que eu entre na sala de aula.

(i)

- a) abscamiado;
- b) abscamido;
- c) abscamado.

(ii)

- a) irei abscamar;
- b) abscamarei;
- c) vou abscamar.

Escolha a forma mais natural para o verbo acima que se adeque à oração abaixo:

Se ela _____ menos, eu não teria que levantar cedo para acordá-la.

- a) tivesse abscamado;
- b) abscamasse;
- c) abscamiasse.

Observa-se que foi esperado que o informante utilizasse o particípio na primeira lacuna da primeira oração e o pretérito mais-que-perfeito composto ou pretérito imperfeito na lacuna da segunda oração. Essas duas formas estão presentes como *distratoras*. Apenas na segunda lacuna da primeira oração é que o futuro foi solicitado: *irei abscamar*, *abscamarei* ou *vou abscamar*.

Nesse caso do verbo *abscamar*, trabalhou-se com a conjugação na primeira pessoa do singular (eu). No entanto, apareceram na pesquisa todos os pronomes, com exceção do *tu* e do *vós*. Este por não ser mais utilizado no PB, tanto nas modalidades oral quanto escrita (a não ser em contextos extremamente específicos como em textos bíblicos); e aquele por não apresentar um paradigma de conjugação de uso recorrente. Na maior parte do Brasil, o pronome de segunda pessoa do singular é conjugado com as mesmas desinências da terceira pessoa do singular. Então, em vez de *tu escreves* o *-s* é suprimido e se converte em *tu escreve*, no lugar de *tu tens* se ouve *tu tem* e assim por diante.

Seguindo com a exposição do componente metodológico da pesquisa, depois que todas as respostas foram recolhidas, foi criado um banco de dados em que se analisou a frequência de uso das formas sintética e perifrástica e sob que contextos elas se concebiam. Fundamentado nisso, foi possível afirmar ou negar a possibilidade de as perífrases provocarem futuramente uma mudança linguística no PB.

Algo importante a ser ressaltado aqui é que toda essa pesquisa passou primeiramente por uma avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para garantir a integridade e a dignidade dos informantes contribuindo, assim, com o desenvolvimento científico dentro dos padrões éticos.

3.3 Perfil dos participantes

Durante o período de três semanas em que o formulário esteve disponível, foi possível extrair dados linguísticos de 62 (sessenta e duas) pessoas. Todas eram maiores de 18 (dezoito) anos, nativas do PB e haviam concluído, minimamente, o ensino médio.

Em relação à idade, a faixa etária variou de 18 (dezoito) a 52 (cinquenta e dois) anos. No que se reporta ao grau de instrução, por sua vez, houve a predominância de informantes com ensino superior completo, como ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos informantes segundo a formação escolar

Grau de instrução	Número de informantes
Ensino Médio Completo	01
Ensino Superior Incompleto	24
Ensino Superior Completo	37

Fonte: Elaborado pelo autor.

4 Apresentação e apreciação dos dados

Pode-se enunciar, desde aqui, que a reunião dos resultados trouxe asseverações bastante relevantes. Portanto, a princípio, serão apresentados os dados numa visão mais geral do fenômeno, próxima ao objetivo principal dessa pesquisa: discutir sobre o potencial de o Futuro Perifrástico causar ou não uma mudança linguística no PB. Prontamente, expor-se-á a contraposição dos usos de cada tipo de futuro em contextos específicos.

A princípio, elaborou-se a Tabela 1, que retrata os dados estatísticos de uso dos dois tipos de construção sintática de futuro (Futuros Perifrásticos – FPs – e Futuro Sintético – FS) com cada um dos verbos hipotéticos.

Tabela 1 – Dados estatísticos gerais do uso dos dois tipos de construção futura

Verbos hipotéticos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
sufrinar	31	31	50,00%	50,00%
peristorir	32	30	51,61%	48,39%
tougar	32	30	51,61%	48,39%
facevirar	33	29	53,23%	46,77%
abscamar	34	28	54,84%	45,16%
exir	34	28	54,84%	45,16%
anergir	35	27	56,45%	43,55%
vuniver	39	23	62,90%	37,10%
tececer	39	23	62,90%	37,10%
cafoitar	40	22	64,52%	35,48%
presemir	41	21	66,13%	33,87%
cinlaranjer	42	20	67,74%	32,26%
atempor-se	42	20	67,74%	32,26%
jovir	42	20	67,74%	32,26%
enchovescer-se	48	14	77,42%	22,59%

<i>Total parcial</i>	564	366	60,65%	39,35%
Total final		930		100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode observar, as duas possibilidades de se fazer referência a uma ação futura a partir de perífrases (uma com o verbo *ir* no presente e outra com o verbo *ir* no futuro) atingiram uma porcentagem de uso igual ou superior aos 50% em todos os verbos hipotéticos. Em um deles, inclusive, essa taxa ultrapassou a casa dos 77%, a mais alta porcentagem encontrada no experimento para o uso de FP. A forma tradicional, por sua vez, concebida pela adição de desinências ao final de verbos no infinitivo, atingiu uma margem que variou dos 50% aos 22%, corroborando para a hipótese de que ela vem sendo substituída pela forma inovadora.

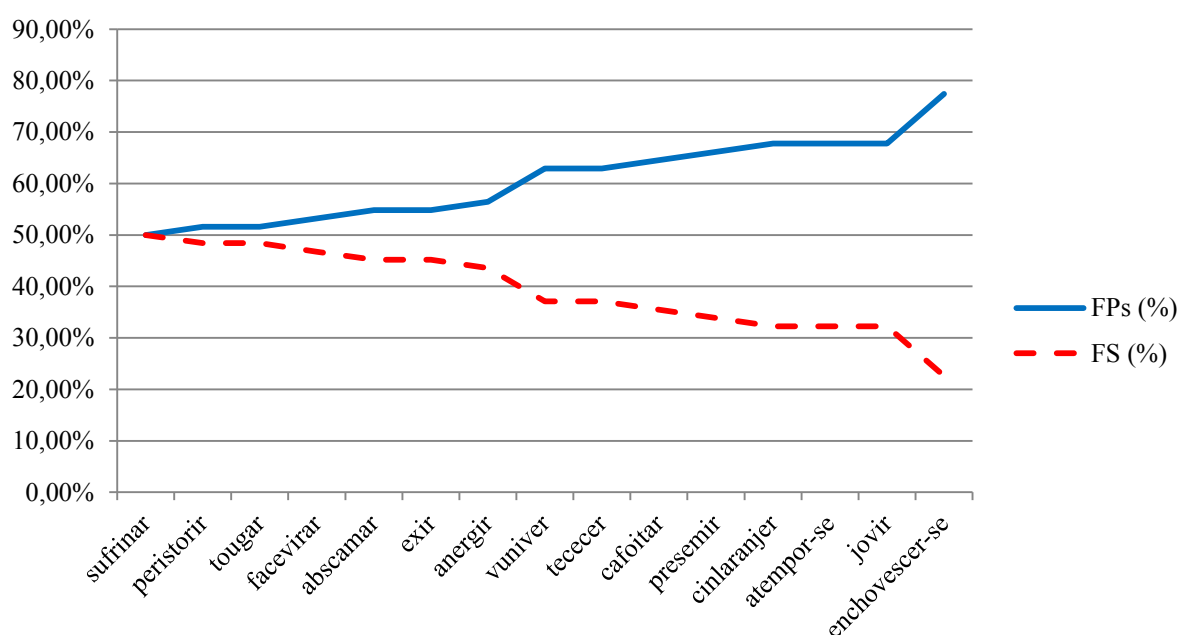
Tais diagnósticos foram auferidos, como mostra a última linha da tabela, por meio da obtenção de 930 (novecentos e trinta) dados linguísticos – 62 (sessenta e dois) dados por verbo. Desse total, mais de 60% enunciou a manifestação das perífrases, restando ao FS um aparecimento em aproximadamente 39% dos casos. Não é plausível afirmar, diante desses resultados, que há uma mudança linguística efetivada; os dados, porém, sinalizam de forma clara que existe uma tendência à implementação do uso de um futuro constituído por partículas perifrásticas.

É interessante ressaltar que esses resultados divergem, quantitativamente, de pesquisas realizadas com gravações orais, tais quais a de Gibbon (2000), em que foi praticamente evidenciada a ausência do uso do FS. Atribui-se essa discrepância do aparecimento de FS em 38% dos dados a dois fatores: (i) primeiramente, o presente experimento, por ter sido realizado com o suporte de um questionário online, no qual requer o exercício de leitura, acabou remetendo a uma modalidade mais formal e relacionada à escrita, diferentemente das pesquisas que trabalharam de maneira exclusiva com dados orais; (ii) por se tratar de verbos hipotéticos, acredita-se que, diante do novo, o informante tenha acionado sua gramática periférica para conjugar os verbos nos contextos apresentados. Em outras palavras, há indícios de que o experimento tenha induzido os participantes, de certa forma, a evocarem os conhecimentos que adquiriram na escola.

Usamos nesse trabalho o termo Gramática Periférica versus Gramática Nuclear, aos moldes de Kato (2005), em que a autora estabelece que a gramática nuclear seria construída no processo natural de aquisição da linguagem; já a gramática periférica seria aquela que promove mudanças na gramática nuclear a partir de interferências da escolarização do falante.

Abaixo, o Gráfico 1, que se fundamenta nas informações contidas na primeira tabela, expõe visualmente a flutuação detectada no experimento em relação ao uso de um tipo de futuro e outro. Os resultados dos dados permitem interpretar que características individuais da gama de verbos formulados provocaram interferências no momento de escolha entre os FPs e o FS, fato que será acurado em breve. Isso explicaria o porquê, por exemplo, de em alguns verbos a discrepância da porcentagem de uso da construção tradicional e inovadora ser baixa enquanto em outros mais significativa.

Gráfico 1 - Dados estatísticos gerais do uso dos dois tipos de construção futura



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao reorganizar a Tabela 1, realocando os verbos na ordem em que apareciam no formulário aos informantes, foi possível inferir algo interessante em relação a um procedimento metodológico adotado para consumir o experimento.

Tabela 2 – Distribuição dos verbos na ordem de aparecimento no formulário

Ordem no formulário	Verbos hipotéticos	FPs (%)	FS (%)
1º	enchovescer-se	77,42%	22,59%
2º	peristorir	51,61%	48,39%
3º	abscamar	54,84%	45,16%
4º	facevirar	53,23%	46,77%
5º	cinlaranjer	67,74%	32,26%
6º	presemir	66,13%	33,87%

7º	cafoitar	64,52%	35,48%
8º	vuniver	62,90%	37,10%
9º	atempor-se	67,74%	32,26%
10º	jovir	67,74%	32,26%
11º	sufrinar	50,00%	50,00%
12º	tececer	62,90%	37,10%
13º	anergir	56,45%	43,55%
14º	exir	54,84%	45,16%
15º	tougar	51,61%	48,39%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 2 desvela, acima, o exitoso trabalho que as *sentenças distratoras* desempenharam ao impedir que os participantes da pesquisa desvendassem o cerne do estudo. Um vestígio que provaria o triunfo de tais sentenças seria a ausência de um padrão de respostas no decorrer do avanço do formulário. Essa ausência de gradação percentual, a qual se menciona, é visualmente perceptível nessa segunda tabela, afinal, verbos com taxas de uso iguais ou similares para os dois tipos de futuro permaneciam distantes no corpo do formulário (ex.: *peristorir* e *tougar*, com 51,61% de uso do FP, localizavam-se na segunda e décima quinta posições, respectivamente) e verbos com taxas de uso significativamente distintas estavam, muitas vezes, próximos de si (ex.: os verbos *jovir* e *sufrinar*, que se encontravam um em seguida do outro no formulário, exibiram em seus dados uma diferença superior a dezessete pontos percentuais).

Ademais, caso em uma determinada altura do experimento o informante constatasse que estava sendo avaliado em relação a sua preferência por distintas construções sintáticas de futuro, ele provavelmente passaria a priorizar as formas tradicionais e cultas da língua, ou seja, o FS. Essa transição, brusca ou sutil, poderia ser identificada com os dados obtidos ao longo do formulário, processo que não é visto na Tabela 2. Apenas para elucidar, a segunda taxa mais baixa de uso de FS foi encontrada em verbos localizados nas nona e décima posições do formulário (*atempor-se* e *jovir*), mostrando que os oito anteriores não foram capazes de dar pistas sobre o objeto de estudo.

Retomando as hipóteses dessa pesquisa, a segunda delas consistia na previsão de que a porcentagem de uso entre a forma tradicional e as formas inovadoras sofreria uma variação dependendo da extensão dos verbos hipotéticos. Suponha-se que quanto menor a extensão deles maior seria o emprego do FS e, concomitantemente, quanto maior a extensão maior seria a possibilidade de as formas perifrásticas aparecerem. A Tabela 3, a seguir, distingue três grupos verbais no que tange às suas dimensões silábicas.

Tabela 3 – Contraposição dos dados em relação à extensão dos verbos

Extensão dos verbos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
Dissílabos	108	78	58,06%	41,94%
Trissílabos	301	195	60,69%	39,31%
Polissílabos	155	93	62,50%	37,50%

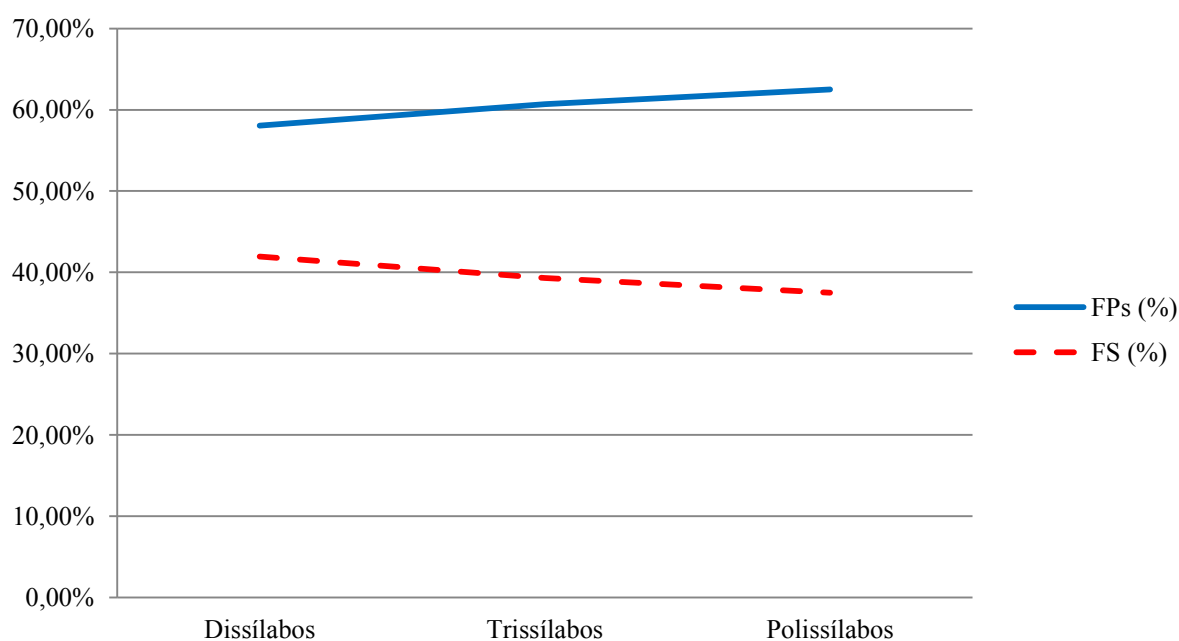
Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante desses resultados, as hipóteses supracitadas ganham certo respaldo. Repara-se que a oscilação de uso entre os verbos dissílabos e polissílabos, por exemplo, atingiu quase 4,5% (de 58,06% a 62,50%). Os verbos compostos por apenas duas sílabas, ou seja, os de menor extensão no experimento, foram os que mais favoreceram a aparição do FS. Enquanto isso, os verbos que propiciaram estímulos mais intensos para o uso dos FPs concerniam àqueles com quatro sílabas ou mais. Salienta-se que mesmo nos verbos menores o uso das perífrases ultrapassou o uso da forma sintética em mais de dezesseis pontos percentuais.

Em resumo, observou-se que verbos longos suscitaram uma leve inclinação para a manifestação de partículas perifrásticas enquanto que em verbos curtos essa inclinação foi menos proeminente.

Ambas as tendências comentadas podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Contraposição dos dados em relação à extensão dos verbos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda sobre as extensões verbais, seria interessante fazer o retorno às Tabelas 1 ou 2 para reparar que a mais alta taxa de aparecimento de FPs se deu com o verbo *enchovescer-se* (77,42%). Além de fazer parte dos polissílabos, ele era o verbo hipotético com mais grafemas de todo o experimento, conseqüentemente, o mais alongado. *Exir*, por seu lado, era o verbo que, dentre os dissílabos, possuía menos grafemas e o que apresentou a quarta mais alta porcentagem para uso de FS (45,16%). Tais apurações apenas adensam a suspeita de que realmente há um grau de alterabilidade de uso das duas construções sintáticas de futuro acarretado pela dimensão dos verbos principais.

A coleta da remessa de 930 dados linguísticos para o estudo tinha também como propósito inspecionar se haveria certa equiparação ou desarmonia na distribuição de uso dessas estruturas dentro das três conjugações existentes no PB. Relembrando que essa fora a motivação inicial para o reparte dos verbos em grupos de igual grandeza: exprimir a configuração verbal da língua em questão.

Assim sendo, produziu-se a Tabela 4, a qual estampa a supremacia dos verbos de segunda conjugação (terminados em *-er*) em incentivar a utilização das partículas perifrásticas.

Tabela 4 – Contraposição dos dados em relação à conjugação dos verbos

Conjugação dos verbos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
1ª conjugação (<i>-ar</i>)	170	140	54,84%	45,16%
2ª conjugação (<i>-er</i>)	210	100	67,74%	32,26%
3ª conjugação (<i>-ir</i>)	184	126	59,35%	40,65%

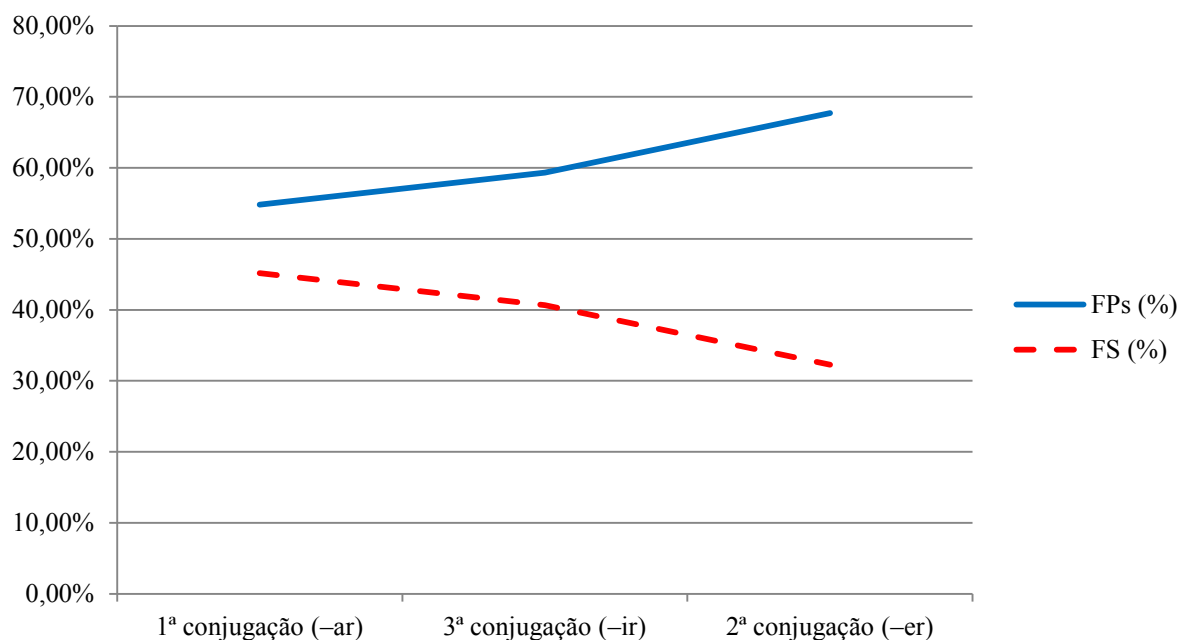
Fonte: Elaborado pelo autor.

Aqui, deve ser sublinhado o intervalo de diferença entre as porcentagens achadas para os verbos do segundo paradigma conjugacional e os do primeiro: alcançou quase 13%. Essa expressiva separação responde à indagação inicial que motivou a criação dessa tabela: a de que há assimetria e não paralelismo entre as taxas de manifestação das formas perifrásticas e sintética nos três grandes grupos verbais do PB.

Como dito anteriormente, os FPs despontaram em maior quantidade em verbos formulados com a desinência *-er*. Em segundo lugar, estão os verbos formulados com a desinência *-ir* e, por fim, os formulados pela desinência *-ar*. Logicamente, estes últimos (primeira conjugação) foram os que mais deram espaço para a presença do FS. Ainda assim, nessa cadeia de verbos, o percentual de uso das perífrases foi 9,68% maior.

O Gráfico 4, adiante, permite uma percepção mais aguçada das variações detectadas no experimento no que tange a esse tema.

Gráfico 4 - Contraposição dos dados em relação à conjugação dos verbos



Fonte: Elaborado pelo autor.

As linhas mostram que os contextos com verbos de primeira conjugação apresentam uma restrição maior ao FS quando comparado com verbos da terceira conjugação e especialmente da segunda conjugação. Esse último contexto demonstrou ser o mais favorável às perífrases.

A quinta tabela formada promove a divisão dos verbos em grupos, associando aqueles que trouxeram similaridades nos resultados. Ela pôde viabilizar a discriminação de três conjuntos de verbos, cada qual com um perfil específico: no primeiro grupo a média de uso dos FPs foi de 53%, no segundo foi de 66% e no terceiro 77%.

Tabela 5 – Divisão dos verbos em grupos por proximidade de resultados

Grupos	Verbos	FPs (%)	FS (%)	Média de uso dos FPs (%)	Média de uso do FS (%)
1º grupo	sufrinar	50,00%	50,00%	53,23%	46,77%
	peristorir	51,61%	48,39%		
	tougar	51,61%	48,39%		
	facevirar	53,23%	46,77%		
	abscamar	54,84%	45,16%		
	exir	54,84%	45,16%		

2º grupo	anergir	56,45%	43,55%	65,67%	34,33%
	vuniver	62,90%	37,10%		
	tececer	62,90%	37,10%		
	cafoitar	64,52%	35,48%		
	presemir	66,13%	33,87%		
	cinlaranjer	67,74%	32,26%		
	atempor-se	67,74%	32,26%		
	jovir	67,74%	32,26%		
3º grupo	enchovescer-se	77,42%	22,58%	77,42%	22,58%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vê-se que os dois primeiros agrupamentos compreendem sete verbos cada enquanto que o último apenas um. Isso decorreu pelo fato de que, dentre todos os quinze, *enchovescer-se* foi o verbo que mais se distanciou em questões de porcentagem em relação ao seu verbo vizinho numa ordem sequencial de classificação. Para que melhor se assimile isso, basta voltar ao Gráfico 1: olhando-o atentamente se notarão dois avanços/recuos mais bruscos nos valores percentuais, um deles entre os verbos *anergir* e *vuniver* e outro entre *jovir* e *enchovescer-se*. Esse foi o motivo pelo qual se decidiu que a segmentação dos grupos ocorreria exatamente nessas posições.

Por sinal, esse fracionamento teve o propósito de explorar se peculiaridades semânticas dos verbos os levaram a adquirir determinado comportamento dentro do experimento. Dizendo de outro modo, houve a tentativa de se rastreamos traços comuns aos verbos de cada um dos grupos para que se explicasse o porquê da semelhança nas taxas de uso dos FPs e FS neles.

Não foi possível, enfim, estabelecer um padrão semântico compartilhado que esclarecesse a similitude dessas ocorrências. Pode-se dizer, apenas, que no primeiro grupo aqui definido há uma influência considerável dos verbos de primeira conjugação por instaurarem um contexto de restrição mais acentuado ao uso de FS. Isso porque, dos cinco verbos criados nessa conjugação, quatro encontram-se nessa série (*sufrinar*, *tougar*, *facevirar* e *abscamar*).

Ao terceiro grupo, o que mais se destacou na pesquisa perante os demais, incumbem-se duas motivações para a alta taxa de FPs: (i) por conter um verbo da segunda conjugação; (ii) pelo fato de que *enchovescer-se* é um polissílabo e, dentre os polissílabos, o maior em número de grafemas. Acerca disso, havia-se elucidado anteriormente, com as Tabelas 3 e 4, que quanto maior a extensão do verbo maior era a frequência de uso das perífrases. Do mesmo modo, essas partículas surgiram mais repetidamente em verbos formados pela desinência *-er*. Portanto, a junção dessas duas características estimuladoras dos FPs foi a que

fez com que o verbo em discussão alcançasse uma porcentagem notória para essa construção sintática.

Outro rearranjo dos dados se viu pertinente: o que contrapõe as taxas de uso dos FPs e FS no tocante à faixa etária dos participantes. Essa organização é representada pela Tabela 6:

Tabela 6 – Contraposição dos dados em relação à idade dos informantes

Faixas etárias	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
18 a 22	155	145	51,67%	48,33%
23 a 27	121	59	67,22%	32,78%
28 a 32	104	31	77,04%	22,96%
33 a 37	123	57	68,33%	31,67%
38 a 42	52	53	49,52%	50,48%
43 a 47	6	9	40,00%	60,00%
48 a 52	3	12	20,00%	80,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

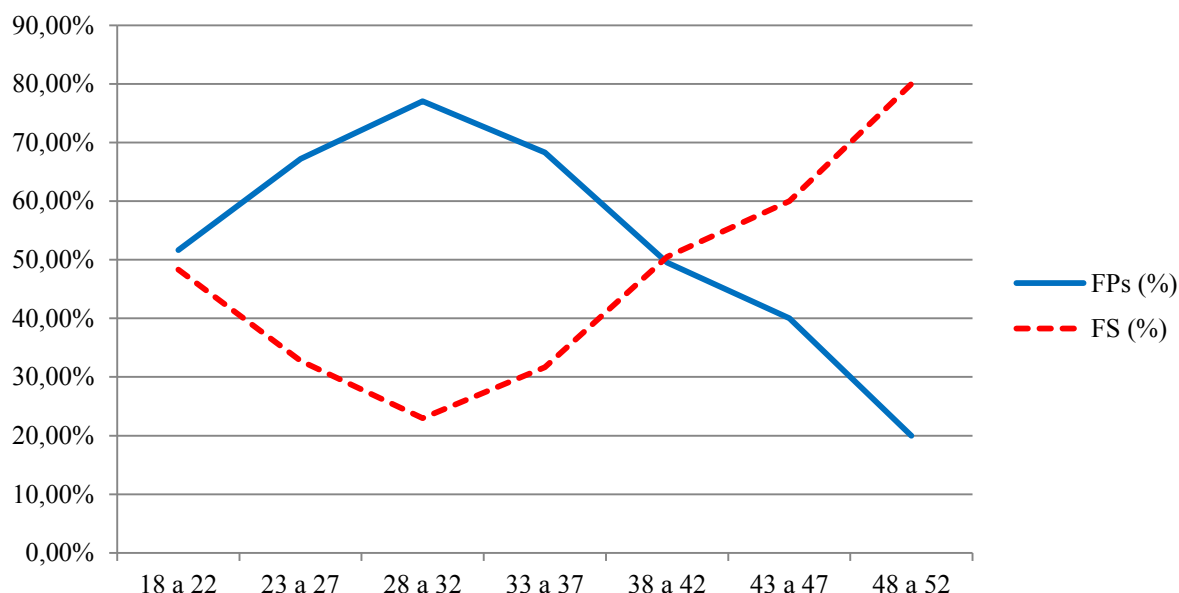
Com base nela, pôde-se ratificar a hipótese de que as perífrases estão enfrentando uma mudança linguística em progresso: uma pelo fato de que elas coexistem com as formas tradicionais e outra pelo fato de que os indivíduos mais jovens, nativos de PB, têm maior preferência pelas formas perifrásticas em comparação à fração mais velha do experimento.

Um cenário de interpretação da tabela acima se dá pelas seguintes vertentes: (i) os mais jovens (18 a 22 anos), por terem concluído o ensino médio há menos tempo que os outros informantes, estariam mais vulneráveis a desempenhar regras gramaticais, por isso apresentaram maior alternância entre as duas variantes; melhor dizendo, travou-se uma competição de gramáticas entre aquelas que seriam suas gramáticas nucleares e aquelas previstas como sendo gramáticas periféricas; (ii) a faixa etária de 23 a 37 anos estaria há mais tempo afastada das padronizações escolares, logo, menos suscetível às regras prescritivas o que fomenta, por sua vez, um maior índice de uso dos FPs; (iii) já a faixa etária de 38 a 52 anos teria optado, preferencialmente (média de 63,49%) pelo FS por ser uma geração anterior sendo assim mais conservadora às regras gramaticais.

Evidentemente, para validar tais perspectivas, um estudo minucioso e com padrões etários mais monitorados necessitaria ser realizado em trabalhos futuros. Nessa pesquisa, o objetivo era o de averiguar se haveria diferença no comportamento linguístico dos falantes por faixa etária de idades, já que se está lidando com variáveis em processo de mudança. Portanto, interessou aqui apreciar a realização do fenômeno por diferentes gerações.

Nesse ponto de vista, julgou-se rendoso também a construção do Gráfico 6, que desenha as sinuosidades ocasionadas por essas diferenças de predileção entre uma construção sintática e outra em intervalos de idade particulares.

Gráfico 6 - Contraposição dos dados em relação à faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando-o, podem-se demarcar dois pontos de convergência e dois picos de divergência. Os de convergência correspondem às faixas etárias de 18 a 22 e 38 a 42 anos e os de alta divergência às idades entre 28 a 32 e 48 a 52 anos. As linhas desse gráfico, portanto, mostram com clareza a interferência causada pela gramática periférica do falante.

Apesar de não ser uma das intenções iniciais, a curiosidade em apurar as porcentagens de uso entre o FP com verbo *ir* no presente e o FP com verbo *ir* no futuro acabou surgindo. Veio a necessidade, por conseguinte, de se conceber a Tabela 7.

Tabela 7 – Contraste entre o FP com verbo *ir* no presente e FP com verbo *ir* no futuro

Tipo de FP	Dados brutos	Percentual de uso (%)
Verbo IR no Presente	372	65,97%
Verbo IR no Futuro	192	34,04%
Total	564	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa ambição em diferenciá-los tinha vistas a investigar se, dentre as perífrases, havia algum tipo de preferência significativa dos informantes por uma delas. Os dados novamente

impulsionam a ideia de que tem ocorrido uma gradativa perda do FS na intuição dos falantes de PB. Isso uma vez que a construção *vou/vai/vamos/vão* + *verbo principal* para denotar futuro foi utilizada em 65,97% dos contextos presentes no formulário, quase trinta e dois pontos percentuais a mais do que a taxa obtida para a construção perifrástica com verbo *ir* no FS.

Em suma, os participantes que fizeram parte do estudo elegeram os FPs como uma forma mais natural para referenciar-se ao futuro quanto tinham possibilidade ainda de escolherem o FS. Ao adotarem formas perifrásticas, novamente mostraram inclinações de preferência por aquelas que excluíam o futuro em sua forma reduzida.

Deve-se frisar, com o auxílio da Tabela 7, que as *sentenças distratoras* reafirmam mais uma vez o bom exercício da sua função: elas evitaram que, mesmo entremeio às perífrases, os informantes se restringissem ao uso de uma forma com FS apenas para mostrar que conhecem e adotam formas tradicionais e mais cultas da língua.

5 Ponderações finais

A partir dos resultados obtidos nesse estudo, verifica-se que o uso do futuro no PB está no caminho da mudança linguística: no lugar de uso do futuro sintético, vê-se a preferência pelo futuro perifrástico. Ao analisar e testar informantes nativos com verbos hipotéticos em um formulário online, o estudo averiguou que a gramática periférica do falante, nos termos de Kato (2005), se fez presente, uma vez que ao se deparar com a língua escrita, o informante acessou seu conhecimento de escolarização, diante do novo (verbos hipotéticos).

Além disso, foi possível observar a influência de algumas variáveis para a construção do futuro no PB. Para o futuro sintético, foi constatado que o uso da primeira conjugação parece ser um contexto de resistência para essa ocorrência. O tamanho do verbo não foi uma variável que apresentou grandes oscilações mas, de maneira geral, observou-se que verbos dissílabos apresentaram maior preferência pelo uso do futuro sintético do que os trissílabos e polissílabos. Em relação à idade, por sua vez, informantes adultos acima de 38 anos demonstraram maior preferência pelo futuro sintético que pessoas nas faixas etárias anteriores. A justificativa para essa preferência estaria no fato de ser parte de uma geração anterior à geração mais nova do experimento, ou seja, informantes mais conservadores.

Para o futuro perifrástico, além de quantitativamente, ter sido possível observar valores maiores, qualitativamente, averigou-se que, diante do novo, verbos de segunda conjugação impelem uma maior preferência por construções perifrásticas. No que tange ao tamanho, de maneira geral, verbos com três sílabas ou mais mostraram índices maiores que

60% para a variante inovadora. E o verbo *enchovescer-se* apresentou 77,42% de preferência com o uso de locução verbal, o maior índice do estudo. Sobre a idade, os informantes de 18 a 37 anos preferiram mais a variedade com futuro perifrástico.

Ainda em relação à faixa etária, o grupo mais jovem, de 18 a 22 anos, foi um dos que mais apresentou maior instabilidade numérica no uso das variantes (praticamente 50%/50%). Esse fato reforça nossa hipótese de que a gramática periférica do informante foi acionada ao se deparar com verbos hipotéticos, isso porque essa geração seria a mais vulnerável às regras gramaticais devido ao curto período desde a finalização do ensino médio.

REFERÊNCIAS

BECHARA. Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1985.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHOMSKY, N. **Linguística Cartesiana**: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.

CUNHA. C; CINTRA. F. L.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

GIBBON. Adriana de Oliveira. **A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Tese de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.

HOOPER. P.J. E. TRAUGOTT. **Grammaticalization**. Cambridge. Cambridge University Press. 1993.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.A.; KOLLER, J.; LEMOS, A. (orgs). **Ciências da Linguagem**: trinta anos de investigação e ensino. Braga, CEHUM (U. do Minho). 2005.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris, Champion, 1921.

SAID ALI. M. **Gramática secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 1966.

SANTOS. J. R. dos. **O futuro verbal no português do Brasil em variação**. Dissertação de mestrado. Brasília, 1997.

SANTOS, J. R. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

Resumen

El uso del futuro perifrástico se ha mostrado como una variante en la trayectoria de cambio del Portugués Brasileño. Varios estudios vienen demostrando la preferencia del hablante por el uso de la perífrasis verbal en el futuro — ej.: *vou/irei* estudar — en el lugar del uso del futuro simple — ej.: *estudiaré*. En este sentido, esta investigación buscó innovar y profundizar posibles análisis de ese cambio, al proponer averiguar, desde un punto de vista formal, la elección del tiempo verbal (futuro simple o perifrástico) de informantes nativos del PB frente a verbos hipotéticos. La metodología consistió en aplicar un formulario online a sujetos brasileños, mayores de 18 años y que hubieran concluido la enseñanza media. En relación a los resultados encontrados, observamos que por tratarse de un experimento escrito, la gramática periférica (escolarización) se hizo presente de manera cuantitativa en nuestros resultados. Sin embargo, los indicios de cambio en la lengua pueden ser examinados y analizados, o sea, incluso con verbos hipotéticos la construcción del futuro en la lengua está en el camino de la implementación de la perífrasis verbal. Al mismo tiempo, fue posible observar, por el estudio de los contextos, que el futuro sintético aún se hace presente, especialmente debido a la influencia de la escolarización.

Palabras clave: Futuro verbal. Futuro perifrástico. Innovación lingüística. Intuición. Cambio lingüístico.

Formulário

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

Seu e-mail

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a colaborar para o desenvolvimento de uma pesquisa online sobre verbos no português brasileiro a partir de verbos hipotéticos. Este trabalho foi elaborado por Eduardo Henrique Brizola, discente do curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, sob orientação da Professora Dra. Aline Peixoto Gravina. O objetivo central do estudo é averiguar, a partir de verbos hipotéticos, como seria a forma mais natural da produção desses verbos. O convite a sua participação se deve ao fato de ser falante nativo da língua portuguesa no Brasil, possuir mais de 18 anos e ter o ensino médio completo. Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas, mantendo o sigilo de informações pessoais de seus informantes. Caso concorde em participar, você deverá aceitar todas as condições explanadas nesse documento e, em seguida, prosseguir para as questões requeridas na pesquisa. Desde já agradecemos sua participação!

Eduardo Henrique Brizola – orientando – e Aline Peixoto Gravina – orientadora.

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus União da Vitória, sob orientação da Professora Dra. Aline Peixoto Gravina. O objetivo central do estudo é averiguar, a partir de verbos hipotéticos, como seria a forma mais natural da produção desses verbos. O convite a sua participação se deve ao fato de ser falante nativo da língua portuguesa no Brasil, possuir mais de 18 anos e ter o ensino médio completo. Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas, mantendo o sigilo de informações pessoais de seus informantes. Caso concorde em participar, você deverá aceitar todas as condições explanadas nesse documento e, em seguida, prosseguir para as questões requeridas na pesquisa. Desde já agradecemos sua participação!

Eduardo Henrique Brizola – orientando – e Aline Peixoto Gravina – orientadora.

Você aceitaria colaborar com o desenvolvimento da nossa pesquisa? *

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

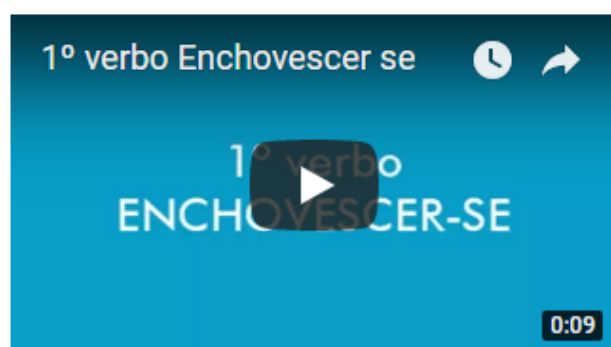
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

1º verbo hipotético

en.cho.ves.cer-se 1 Entrar em um estado de espírito de paz ou tristeza durante ou após ouvir o som da chuva.

Exemplos de uso: Geralmente, em dias assim, eu sempre enchovesço; Agora ela está com uma expressão tão distante. Acho que ficou enchovescida.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

1 - Eu não gosto muito do verão porque sempre estou _____.

*

- ☐ me enchovescendo;
- ☐ enchovescido;
- ☐ enchuvescido.

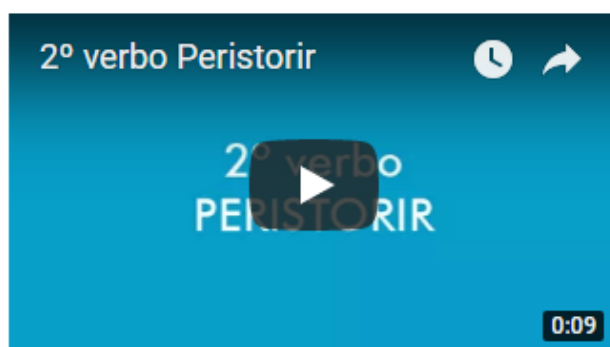
2 - Nós _____ com as precipitações noturnas que estão por vir.

★

- ☐ vamos nos enchovescer;
- ☐ iremos nos enchovescer;
- ☐ nos enchovesceremos.

2º verbo hipotético

pe.ris.to.rir 1 Adentrar-se totalmente no universo narrado de uma história a ponto de, por alguns momentos, emocionar-se e preocupar-se com o destino das personagens.
Exemplo de uso: Aquele romance que minha mãe me deu é tão bom que estou peristorindo do início ao fim.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

3 - Eu leria aquela história de novo caso não _____ tanto com ela. Choro demais.

★

- ☐ tivesse peristorido;
- ☐ peristorisse;
- ☐ peristoriasse.

4 - Nós vamos dar esse livro do Jorge Amado de aniversário para a Bianca. Temos certeza de que ela _____ com a trama.

★

- ☐ peristorirá;
- ☐ irá peristorir;
- ☐ vai peristorir.

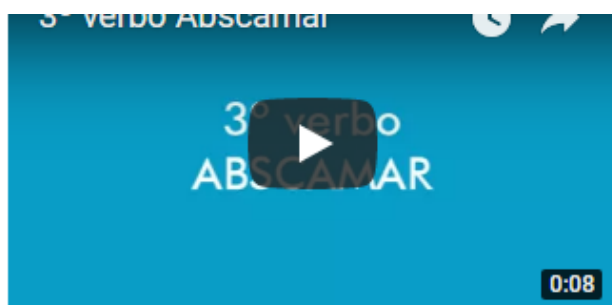
3º verbo hipotético

abs.ca.mar 1 Ação de lutar contra o irresistível desejo de permanecer na cama mesmo quando se tem obrigações a cumprir.

Exemplos de uso: Meus filhos abscamaram demais durante o último inverno; Atrasei-me hoje porque fiquei abscamando por uma hora.

3º verbo Abscamar





Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

5 - Ultimamente, eu tenho _____(i) tanto que decidi adiantar em meia hora o despertador. E jurei para mim mesmo:

- Não _____(ii) nessa próxima terça-feira que tenho avaliação, pois caso chegue atrasado não existirá a mínima possibilidade de que eu entre na sala de aula.

(i) *

- ☐ abscamiado;
- ☐ abscamido;
- ☐ abscamado;

(ii) *

- ☐ irei abscamar;
- ☐ abscamarei;
- ☐ vou abscamar.

6 - Se ela _____ menos, eu não teria que levantar cedo para acordá-la.

★

- ☐ tivesse abscamado;
- ☐ abscamasse;
- ☐ abscamiasse.

4º verbo hipotético

fa.ce.vi.rar 1 Ato ou efeito de fazer com que alguma postagem adquira curtidas e compartilhamentos rapidamente no Facebook (rede social).

Exemplo de uso: Aquele nosso vídeo para a promoção foi o que mais facevirou.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

7 - Daqui seis dias nós _____ aquele seu vídeo para a promoção da Riachuelo.

- ☐ faceviraremos;
- ☐ iremos facevirar;
- ☐ vamos facevirar.

8 - Se não tivessem recusado minha ajuda eles _____ aquela foto nesse último mês.

*

- ☐ iriam facevirar;
- ☐ facevirariam;
- ☐ teriam facevirado.

5º verbo hipotético

cin.la.ran.jer 1 Processo em que o céu em dias nublados recebe as diferentes matizes de um pôr do sol formando, assim, um admirável contraste entre cinza e laranja.
Exemplo de uso: Nossa! Vou tirar uma fotografia desse céu. Não é sempre que se pode vê-lo cinlارانجendo.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

9 - As nuvens daquela primavera _____ os céus chapecoenses.

★

- ☐ teriam cinlaranjido;
- ☐ cinlaranjeram;
- ☐ cinlaranjeriam.

10 - Acredito que depois de amanhã o céu _____ e, assim, poderemos tirar fotos incríveis.

★

- ☐ vai cinlaranjer;
- ☐ irá cinlaranjer;
- ☐ cinlaranjerá

VOLTAR

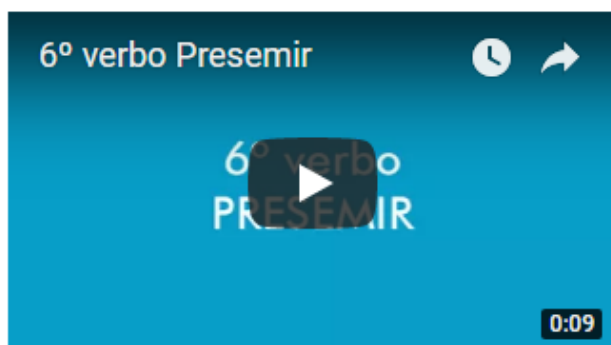
PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

6º verbo hipotético

pre.se.mir 1 Ato de insinuar a alguém, quando próximo a uma data festiva, do(s) presente(s) que se deseja ganhar.

Exemplo de uso: Acertei no presente, não é? Percebi que estava presemindo aquela cafeteira.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

11 - Quando fomos ao centro, Jonas _____ aquele Playstation 4, mas como não tínhamos dinheiro para isso o presenteamos com outra coisa.

★

- ☐ tinha presemido;
- ☐ presemiu;
- ☐ presemia.

12 - No próximo fim de semana, _____ aquele celular que vi na Havan para o meu namorado. Quem sabe assim ele não sabe o que comprar para o Natal.

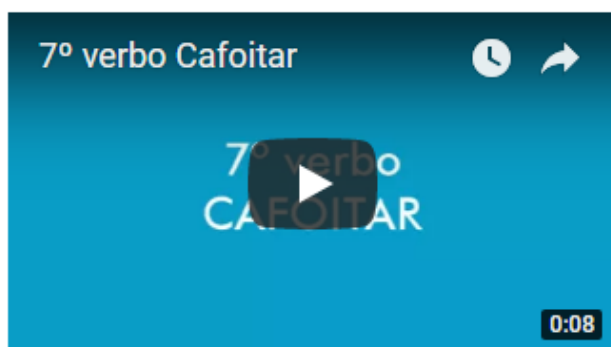
*

- ☐ presemirei;
- ☐ irei presemir;
- ☐ vou presemir.

7º verbo hipotético

ca.foi.tar 1 Ação de passar uma noite em claro à base de cafeína (xícaras de café, energéticos etc.).

Exemplo de uso: Eu lhe disse que você só conseguiria finalizar aquele artigo se cafoitasse por alguns dias.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

13 - Acreditamos que no final do próximo período do curso _____ mais do que nunca.

- ☐ vamos cafoitar;
- ☐ iremos cafoitar;
- ☐ cafoitaremos.

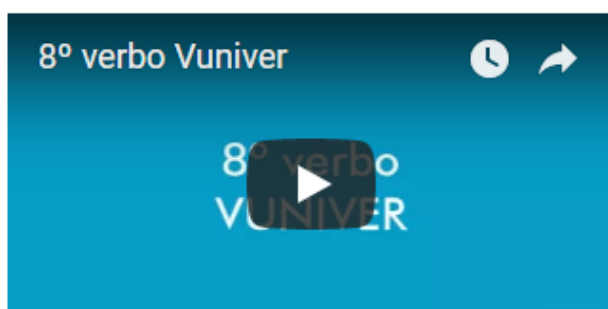
14 - A única solução que você encontrou para sobreviver àquela semana anterior ao TCC foi _____ alguns dias da semana, não é?

★

- ☐ cafoitando;
- ☐ ter cafoitado;
- ☐ cafoiteando.

8º verbo hipotético

vu.ni.ver 1 Ação de economizar cada mísera moeda a fim de se guardar dinheiro o suficiente para arcar com os custos de se estudar em uma instituição de ensino superior. Exemplo de uso: Ultimamente, não está sendo fácil vuniver à UFFS; Tenho medo de que depois de mudarmos de cidade não vunivamos lá.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

15 - Acadêmicos não tem encontrado meios para que _____ sem abrir mão de algo.

★

- ☐ vunivam;
- ☐ vunivissem;
- ☐ possam vuniver.

16 - Nós vamos nos mudar para Curitiba e estou sem sombra de dúvidas de que _____ lá facilmente.

★

- ☐ iremos vuniver;
- ☐ vuniveremos;
- ☐ vamos vuniver.

9º verbo hipotético

a.tem.por-se 1 Pôr-se em outro tempo 2 Viajar mentalmente a um tempo que não o presente e perder a atenção sobre o que os outros lhe falam.

Exemplo de uso: João, você anda se atempondo. Nunca mais ouve o que falo!



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

17 - Eu tenho certeza que depois que ele a conhecer _____ com frequência.

★

- ☐ se atemporará;
- ☐ irá se atempor;
- ☐ vai se atempor.

18 - _____ na aula de matemática e a professora me chamou a atenção.

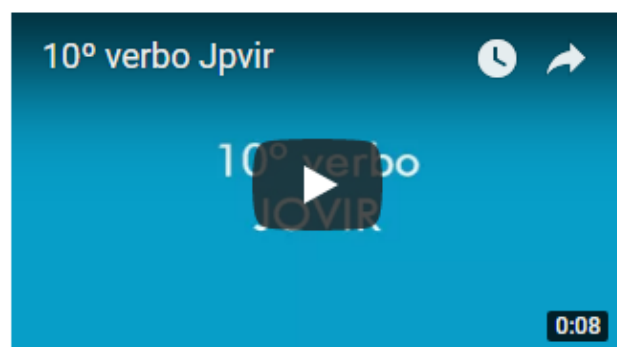
★

- ☐ Atempus-me;
- ☐ Me atempus;
- ☐ Atemponei-me

10º verbo hipotético

jo.vir 1 Desejar ou ter a capacidade de retornar aos tempos de juventude.

Exemplo de uso: Como queria tanto jovir aos meus vinte anos de idade só para fazer tudo diferente; Naquele momento em que o mundo caiu sob seus pés, ele desejou jovir mais que nunca.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

19 - Naquela noite agitada e imprevisível, André e Joana _____, pois não suportavam mais tantas adversidades.

★

- ☐ joviam;
- ☐ joviriam;
- ☐ joviram.

20 - Agora elas desejam tanto crescerem, mas quando se tornarem adultas é certo que _____.

★

- ☐ irão jovir;
- ☐ jovirão;
- ☐ vão jovir.

VOLTAR

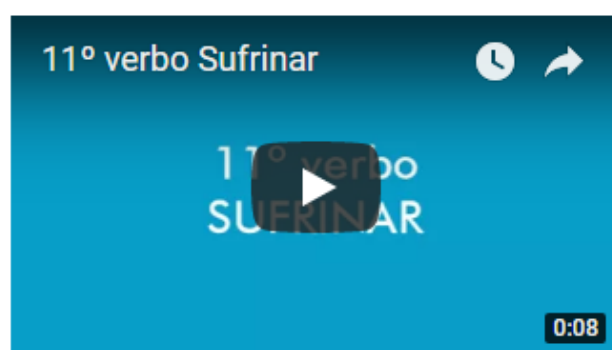
PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

11º verbo hipotético

su.fri.nar 1 Entrar em estado de tristeza por imaginar situações hipotéticas ruins. 2. Sofrer por antecedência.

Exemplo de uso: Eu não entendo o porquê de eu sufrinar por todos os meus relacionamentos.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

21 - Se a gente não fosse tão sentimental, não _____ tanto.

*

- ☐ teria sufrinado;
- ☐ sufrinaria;
- ☐ sufrinaríamos.

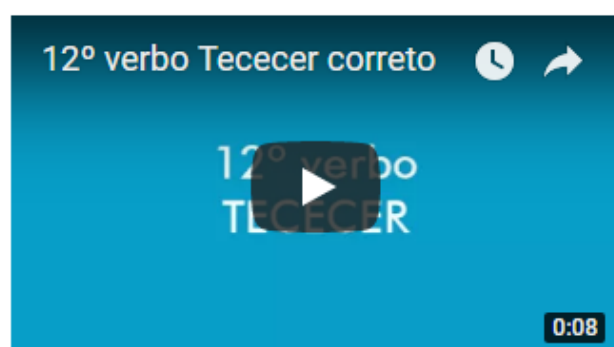
22 - A Bethânia não _____ mais por qualquer um. Pelo menos foi o que ela comentou que pretende tentar depois desse réveillon.

★

- ☐ sufrinará;
- ☐ irá sufrinar;
- ☐ vai sufrinar.

12º verbo hipotético

te.ce.cer 1 Ação de amanhecer o dia escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).
Exemplo de uso: Essa semana tive que tececer quase todos os dias.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

23 - Será que o Roberto não _____ em algum dia semana que vem? Porque, realmente, ele está muito atrasado.

- ☐ vai tececer;
- ☐ tececerá;
- ☐ irá tececer.

24 - Em vez de _____, foram para a balada.

★

- ☐ tececerem;
- ☐ tececer;
- ☐ terem tececido.

13º verbo hipotético

a.ner.gir 1. Ação de deslocar-se sem forças/energias até algum lugar.
Exemplo de uso: Anergi ao posto, pois estava muito doente e não havia ninguém que pudesse me oferecer carona.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

25 - Nós já estamos prevendo que amanhã _____ até a balada.

★

- ☐ anergiremos;
- ☐ iremos anergir;
- ☐ vamos anergir.

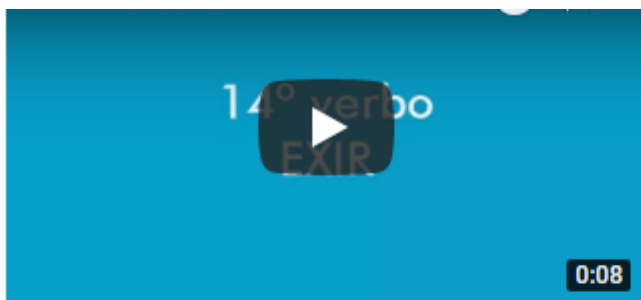
26 - Todo o dia é a mesma coisa: eles sempre vem _____ até aqui. Não entendo de onde brota tanta preguiça.

★

- ☐ anergirindo;
- ☐ aniergendo;
- ☐ anergindo.

14º verbo hipotético

e.xir 1 Ação de chegar na hora exata em que fora marcado um encontro/compromisso.
Exemplos de uso: Eu nunca deixei de exir a algum encontro; Tenho muitas dificuldades para exir, por isso perco muitas pretendentes.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

27 - A gente não tem _____ muito às aulas. E só pela cara da professora dá para perceber que não está gostando nada disso.

★

- ☐ exido;
- ☐ exado;
- ☐ exiado.

28 - Olha, eu juro que não sei se _____ à Conferência da quarta-feira que vem.

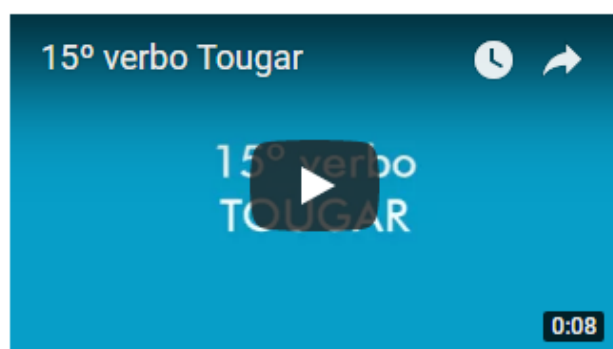
★

- ☐ vamos exir;
- ☐ exiremos;
- ☐ iremos exir.

15º verbo hipotético

tou.gar 1 Utilizar a tecnologia Near Field Communication (NFC) para realizar pagamentos e/ou transferir arquivos de um celular a outro apenas aproximando-os.

Exemplo de uso: Querido, não precisa usar dinheiro vivo para o ingresso do cinema. Tente tougar que é mais cômodo.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

29 - Se você não _____ no teatro teríamos que voltar para o centro sacar dinheiro do banco.

★

- ☐ tivesse tougado;
- ☐ tougasse;
- ☐ touguiasse.

30 - Infelizmente, vocês não _____ pelos próximos dias porque seus aplicativos tem apresentado problemas.

★

- ☐ tougarão;
- ☐ irão tougar;
- ☐ vão tougar.

A pesquisa foi submetida ao comitê de Ética da UFFS , sendo aprovada para aplicação de questionários online. CAAE: 81843517.8.0000.5564

VOLTAR

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários